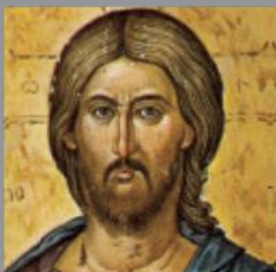


INSTITUTOS PAULINOS

DE VIDA SECULAR CONSAGRADA - BRASIL

Edição Especial – Novembro de 2018 a Janeiro de 2019 - Ano VI – Vol. XXVIII



Sumário

EDITORIAL	3
Catequese Paulina	4
Natal, o olhar do Fundador ..	5
Bem Aventurado Tiago Alberione	8
Palavra do Papa	11
O advento e o nosso sim a vida	12
A PALAVRA DO PAPA	14
Oração Vocacional Gabrielina	16
<i>Gaudete et Exsultate</i>	17
Vamos descer da árvore? ..	19
São Paulo	21

Editor da Revista Institutos Paulinos:
Nathanael do Amparo, ISGA

Delegado do Instituto Nossa Senhora da Anunciação:
(anunciatinas@paulinos.org.br)
e do Instituto São Gabriel Arcanjo
(gabrielinos@paulinos.org.br)
Pe. José Carlos de Freitas Junior, ssp

Delegado do Instituto Jesus Sacerdote
(jesussacerdote@paulinos.org.br)
e do Instituto Santa Família
(santafamilia@paulinos.org.br)
Pe. Antônio Lúcio da Silva Lima, ssp.

Colaboradores: Instituto São Gabriel Arcanjo; Instituto Nossa Senhora da Anunciação; Instituto Santa Família; Instituto Jesus Sacerdote

Nossas redes sociais:
<http://gabrielinospaulinos.blogspot.com.br>
<http://santafamiliabr.blogspot.com>
<http://anunciatinas-brasil.blogspot.com.br>

NOSSO CONTATO:
institutospaulinos@paulinos.org.br
ou pelo endereço:
Pe. José Carlos de Freitas Junior
Rua das Camélias, 640
Chácara Primavera
CEP 13087-488 – Campinas/SP

Uso manuscrito

EDITORIAL

Abelha! Como és bela! Admiro-te e amo-te sempre mais. Em teu voo encantador percorres distâncias em busca da flor desejada. Sê carinhosa e delicada com ela. Retribui a sua generosidade, tornando-a fecunda. Assim darás continuidade à vida na floresta.



Admiro-te! Pela destreza com que voas por entre as árvores e cruizas as montanhas. Ao retornares à casa, danças e indicas onde encontraste o néctar para o mel.

És caprichosa! Adoras ver tudo no devido lugar: fazes um trabalho maravilhoso: O mel doce e cristalino. De vê-lo, vem-me água na boca. Não me canso! De contemplar-te. De observar teu voo. Por mais repetitivo que pareça, sempre descobro nele coisas novas. Sou fascinado por ti.

Quão amável é teu trabalho. És exemplo de esforço, dedicação e empenho. Se um estranho invade a colmeia, é um vira e mexe e está feito o alvoroço. Mostras, assim, que tamanho não é documento e, muito menos, que postura assusta.

Comprovas, mais uma vez: Que é a união que faz a diferença. Juntas, dais a vida para defender o que produzis e preservar o que construístes. Dais exemplo de organização: umas coletam o pólen, outras limpam a casa, outras alimentam as irmãs mais novas.

Que bom seria! Se as pessoas vivessem unidas, como vós sois unidas.

Que bom seria! Se a sociedade fosse organizada como vós. Sem competição. Então o trabalho seria uma sinfonia. E todos teriam o que fazer.

Que bom seria! Se em todos os lares, como na colmeia, houvesse harmonia, empenho e dedicação. Se o amor fosse a rainha e a alma de todos os lares. Se todos os seus integrantes, como as operárias, trabalhassem visando o bem de todos.... Então todos se nutririam com o mel da felicidade.

Seria tão bom! Se todos fossem delicados e se respeitassem uns aos outros. Assim como vós fazeis em vossas colmeias.

Espero! Que nós aprendamos de ti, abelha, que, neste mundo, todos temos uma missão a cumprir, com amor, paz e harmonia. Sem necessidade de guerras, de mostrar que somos “poderosos”. Que, com teu exemplo aprendamos a ser pessoas e a crescermos ainda mais no amor. Assim o mundo será melhor.

Nathanael Amparo, ISGA

Catequese Paulina

Ambiente histórico em que viveu Padre Tiago Alberione

Padre Alberione nasceu em uma época em que a Itália já tinha conseguido há cerca de 20 anos sua independência e a unificação, e desde 1870 tinha também a capital definitiva, Roma, depois de ter tido como capitais provisórias Turim e Florença.

Mas o contexto que nos interessa de Padre Alberione é, sobretudo o religioso.

Padre Alberione viveu os terrores e temores das 1ª e 2ª Guerras mundiais, onde diante de tanta destruição e mortes somente Deus os sustentava.

Suas constantes orações juntos aos seus irmãos eram suas forças e motivações para não se sentirem sozinhos e com medo diante de tanto terror.

Vemos o quanto Padre Tiago Alberione juntamente com o Cônego Chiesa se esforçaram em difundir a Doutrina Cristã em 1911, particu-

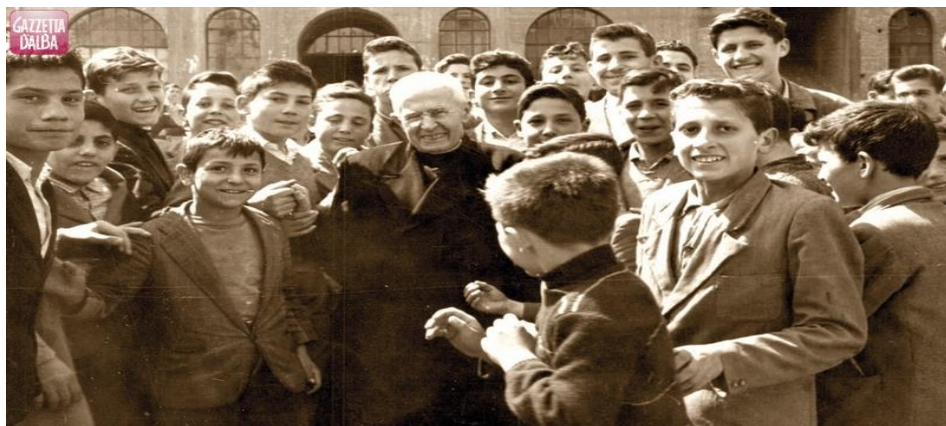
larmente da União Popular.

Diante desse cenário, podemos observar que somente Deus nos sustenta, dá força e coragem para seguirmos em frente.

Padre Tiago Alberione é o grande exemplo disso, mesmo diante de tanto horrores em que viveu e presenciou nunca se deixou abater. Sua confiança na Virgem Santíssima nunca o deixou sozinho, sempre esteve ao seu lado nos momentos mais difíceis de sua vida.

Como Padre Tiago Alberione sempre confiou a sua vida nas mãos da Virgem Santíssima e de Jesus Cristo, que todos nós possamos seguir o seu exemplo, sempre nos deixar guiar por Jesus Cristo e por sua Mãe Virgem Santíssima que entreguemos o nosso maior bem em suas mãos que é a nossa vida, que façam sempre o melhor por cada um de nós.

Renata Escalari Quintiliano, INSA



Natal, o olhar do Fundador

Natal! Festa da Família! Quantas vezes já nos deparamos com essa afirmação? Com efeito, a celebração do Natal verdadeiramente cristão é considerada como “festa da família” não pelo fato das famílias se reunirem ao redor da mesa da “ceia de natal” e trocar presentes e sim pelo fato de que no Presépio se encontra a Sagrada Família.

E como sugestão de inspiração para bem celebrarmos mais um Natal, notadamente como Família Paulina, podemos buscar “escutar” as palavras dirigidas por Pe. Alberione às Apostolinas, por ocasião do Natal de 1958, reproduzidas nas linhas seguintes.

“Pelo Natal todos esperam presentes do Menino e o Menino está também à espera dos nossos presentes. O que é que lhe podemos oferecer? O mesmo que ofereceram Maria, José, os pastores: o seu coração, sim, um coração santo; a sua mente, com uma fé profunda, adorando Jesus menino como Deus.

Nasceu numa extrema pobreza e aí, no silêncio, nem sequer acolhido em Belém, cidade que era a sua cidade: os homens viviam ocupados com muitas outras coisas! Mas ele nasceu naquela condição... e ocorria uma grande fé para acreditar que ele fosse Deus feito homem, o Messias esperado havia séculos, e ninguém se apresentou

para acolhê-lo, ninguém de verdade! Mas apareceram os anjos, chegaram também os pastores, chamados como os “prediletos”, chamados em primeiro lugar ao presépio (cf. Lucas 2,4-16).

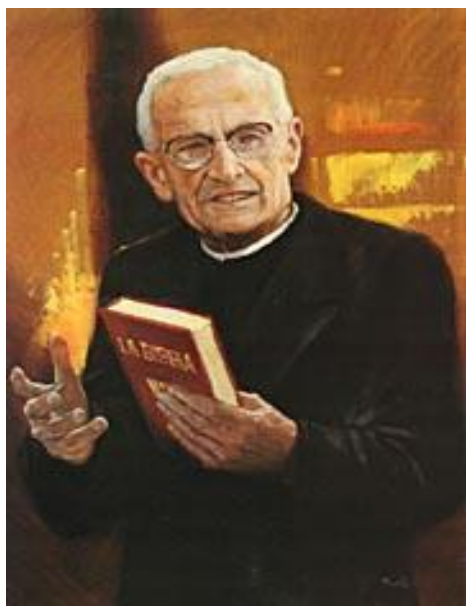


E nestes dias, no clima natalício, nós devemos tomar os mesmos sentimentos que tinha Maria naquela gruta, os seus pensamentos, a sua fé, os seus desejos santos: devemos fazê-los nossos e rezar ao menino com Maria, com José. Maria foi aí a primeira adoradora: ela pegou o Menino, envolveu-o nuns pobres paninhos, colocou-o sobre um pouco de feno na gruta.

Maria fazia, então, como que a primeira exposição e foi a primeira adoradora-modelo das adoradoras que nós devemos sempre chamar em nossa ajuda, e tentar Comar os seus pensamentos, os seus senti-

mentos, a sua piedade quando fazemos as nossas adorações na Igreja, a Visita ao Santíssimo Sacramento. Oferecer a Maria, e por seu intermédio a Jesus, nós mesmos, o nosso ser: entregar o dom de nós mesmos a Jesus. Eis uma bela oportunidade, para quem tem os votos, de renová-los: dar-se....E entregar-se inteiramente: doar-se!

Oh! Então o Natal será bem celebrado e Jesus corresponderá, em primeiro lugar, dando-se a nós na sagrada Comunhão: e depois infundindo uma fé mais viva, um desejo mais aceso de amá-lo e as virtudes que nos são necessárias para a nossa vida, a fim de santificarmos os nossos dias e assim preparar-nos para contemplá-lo não já no presépio, e nem sequer apenas na Eucaristia, mas contemplá-lo no Céu.



Lembremos as intenções que Jesus tinha lá na gruta, quando estava sobre a palha, sobre aquele montinho de feno. As suas intenções eram duas e tinham dois fins pelos quais o Filho de Deus se encarnou, se fez homem, se fez um Menino para um dia morrer na Cruz; elas eram a glória do Pai Celeste e, ao mesmo tempo, a paz dos homens: dois fins que compreendem outros fins, outras intenções.

Viver sempre para a glória de Deus! Não nos movamos por amor próprio em nada, mas sejamos movidos, em tudo o que fizermos, pelo amor de Deus, procurando a sua glória; e assim, certamente que encontraremos a nossa felicidade eterna. A reta intenção nas coisas é aquilo que as faz preciosas aos olhos de Deus. Por seu lado, o Senhor tudo criou para a sua glória, todas as obras realizou: a Encarnação é a obra das obras, a Encarnação do filho de Deus é a obras das obras e, portanto, - fim principal - foi a glória de Deus. Reta intenção: não nos movamos pelo amor próprio nas coisas nem apenas e só para evitar admoestações, observações, nem para procurar satisfação ou a estima dos outros. Tudo seja pela glória divina e pelo amor de Deus.

A seguir, a paz dos homens é o segundo fim. Estes dois fins foram cantados pelos anjos: "Glória a Deus e paz aos homens"(cf. Lc 2,14). Conhecem-se os fins da Encarnação que constituem o pro-

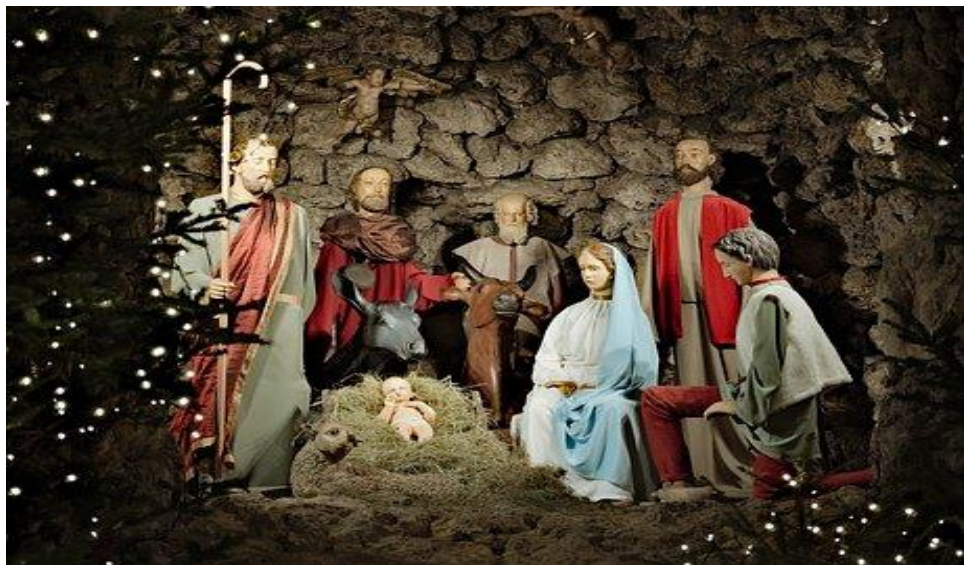
grama de vida do Filho de Deus encarnado, de Jesus. Paz aos homens significa o perdão dos pecados, a reconciliação do homem com Deus, o paraíso que é reaberto. Paz aos homens! Paz aos homens: primeiro aos que pertencem à Igreja de Deus: “Para que Vos dignéis purificá-la, guardá-la, unila e governá-la”. Para que não haja discórdias entre os cristãos católicos: que haja paz, concórdia, união. O Papa disse: procuremos a unidade e a paz. De seguida, fazer a paz entre as Nações: é como se estivéssemos sempre em suspenso ao vermos em cada instante delinear-se como um espectro em guerra. Paz social entre as várias classes sociais. Paz na nossa consciência com Deus: quando a consciência nos testemunha que agimos bem; caso contrário, a consci-

ência anda perturbada quando não fazemos o bem. E paz na comunidade: paz, temos que o dizer, com os superiores e com os inferiores e com os iguais.

Paz na comunidade, onde todos devem querer-se fortemente bem. Haja bondade com abundância: todos interessados em procurar o bem dos outros e todos dispostos a ter misericórdia, perdoar, desculpar os erros; e todos dispostos a encorajar, a sempre ter conversas que levem ao entusiasmo, ao fervor; e sempre iluminar, instruir; e sempre lembrar que seja verdadeiramente bem vivida a vida religiosa. Que assim seja!”

ISF - Instituto Santa Família

(Fonte: Homilia de Pe. Alberione às Apostolinas 25- dez -1958)
(nov/18)



Bem Aventurado Tiago Alberione

Na noite da passagem do século, 31 de dezembro de 1900 para 01 de janeiro de 1901, o jovem seminarista permanece quatro horas em oração na catedral de Alba (Itália). Uma luz vem do Tabernáculo e o envolve.

- "Fazer alguma coisa por Deus e pelas pessoas do novo século, com as quais conviveria!" Sente fortemente o convite e o apelo de Deus.

O mundo passava por profundas mudanças sociais e tecnológicas, era necessário utilizar as novas descobertas, as novas forças do progresso para fazer o bem, para evangelizar.

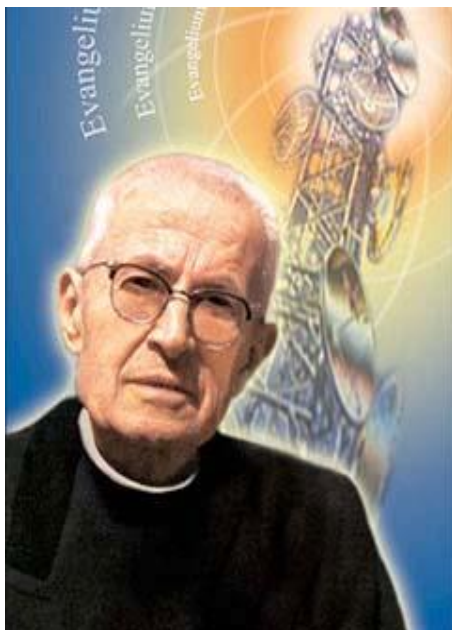
O jovem seminarista, com apenas dezesseis anos, era Tiago Alberione, futuro fundador da Família Paulina, que nunca deixou que essa chama luminosa se apagasse em sua vida.

Alberione nasceu em 4 de abril de 1884, em São Lourenço de Fossano, norte da Itália, de uma família de camponeses simples e laboriosos. Vinte quatro horas após o nascimento, foi batizado e recebeu o nome de "Tiago".

Buscando melhores terras para a lavoura, a família Alberione mudou para a cidade de Cherasco, onde Tiago passou sua infância e adolescência. Foi lá que se manifestou a vocação para o sacerdócio.

- Quero ser padre! foi a resposta que deu à professora, Rosina Cardona, que perguntava aos seus oitenta alunos o que queriam ser quando crescessem.

A resposta, que poderia parecer impensada, veio de um menino de bom coração e piedoso. Com o passar do tempo, a vocação fortificou-se e ele foi encaminhado para o seminário, onde não perdia tempo e procurava aprender de todos e de tudo. Inquietavam Alberione as transformações que aconteciam na sociedade e os apelos do papa, Leão XIII, para que todos se voltassem para Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, salvação da humanidade.



Foi ordenado sacerdote no dia 29 de junho de 1907, com vinte e três anos de idade. Todas as organizações de renovação existentes, então, na Igreja foram acolhidas por padre Alberione, que participou, ativamente, dos movimentos: missionário, litúrgico, pastoral, social, bíblico, teológico e, mais tarde, do movimento ecumênico. Em todos os movimentos Alberione profeta vislumbrava espaços carentes de evangelização e atualização.

Impulsionado pelo Espírito Santo, tornou realidade sua intuição carismática com a fundação de várias congregações e institutos para, juntos, anunciar Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, com os meios da comunicação social. Padres e irmãos Paulinos em 1914; Irmãs Paulinas em 1915; Discípulas do Divino Mestre em 1924; Irmãs Pastorinhas em 1938; e Irmãs

Apostolinas em 1957. Fundou, também, os institutos seculares de Nossa Senhora da Anunciação e São Gabriel Arcanjo em 1958; os institutos Jesus Sacerdote e Sagrada Família em 1959; além da Associação dos Cooperadores Leigos em 1917. Hoje, os membros dessas fundações estão presentes em todos os continentes mostrando que é possível santificar-se e comunicar, a todas as pessoas, Jesus Cristo com os meios técnicos e eletrônicos.

Após a fundação dos dois primeiros ramos - Paulinos e Paulinas - a vida de Alberione fundiu-se com suas obras nascentes. Acompanhava de perto a vida de seus filhos e filhas da Itália e do exterior com numerosas e prolongadas viagens. Preocupava-se não só com fundações e organizações, mas principalmente com a formação e a vida religiosa de seus seguidores, apesar do conturbado contexto histórico em que viveu: duas grandes guerras, revolução industrial, conflagrações nacionalistas e sociais, emancipação dos operários e da mulher, além de crises institucionais na família e na Igreja.

Padre Tiago Alberione, jamais esmoreceu, continuou firme na sua fé, acreditando que a obra que realizava era querida e abençoada por Deus. Com humildade e coragem, o fundador da Família Paulina, o profeta e o apóstolo de uma evangelização moderna chegou ao fim de seus dias em 26 de novem-



bro de 1971, aos oitenta e sete anos.

O reconhecimento da santidade de Alberione já acontecera antes da declaração oficial da Igreja, especialmente com algumas declarações de dois papas seus amigos: o São João XXIII e São Paulo VI. "Padre Alberione, veio ao meu encontro" - dizia o "papa bom". "Parecia-me ver a humildade personificada. Ele, sim, és um grande homem!" E Paulo VI, na audiência concedida aos Paulinos em 27 de novembro de 1974, recordava: "Lembro-me do encontro edificante com padre Alberione, ajoelhado, em profunda humildade. Este é um homem, direi, que está entre as maravilhas do nosso século".

O processo de beatificação percorreu um longo caminho. Após a morte de Alberione, foram apresentados à Igreja documentos sobre sua vida, sua missão apostólica e suas fundações, assim como documentos sobre sua santidade.

Baseados em um meticuloso exame desses elementos e reconhecidas as virtudes praticadas em grau heróico pelo servo de Deus, padre Tiago Alberione, o papa João Paulo II, em 25 de junho de 1996, declarou-o "venerável".

Passaram-se sete anos à espera de um milagre que fosse reconhecido como autêntico pela Igreja. E o milagre chegou.

A cura milagrosa atribuída ao padre Tiago Alberione, que o conduziu à beatificação, salvou Maria

Librada Gonzáles Rodriguez, uma mexicana de Guadalajara. Em 1989, ela foi internada por causa de uma insuficiência respiratória provocada por uma tromboembolia pulmonar, com muitas crises. Pedindo a Deus a cura por intercessão de padre Alberione, doze dias depois teve alta. A cura foi reconhecida pela Congregação das Causas dos Santos, após a declaração da comissão médica que considerava a recuperação de Maria rápida, completa, duradoura e não-explicável à luz da ciência.

E o dia da beatificação chegou: 27 de abril de 2003. Padre Tiago Alberione é proclamado "bem-aventurado" num reconhecimento oficial da Igreja àquele homem que foi um santo, um profeta e o pioneiro na evangelização eletrônica.



Fonte: Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Paulinas
<http://www.paulinas.org.br>

Palavra do Papa

Celebrar o Natal com verdadeira fé. Este foi o convite do Papa Francisco na homilia da Missa na Casa Santa Marta (10/12), na qual comentou o episódio do Evangelho do dia, que narra a cura de um paralítico. Foi a ocasião para o Papa reiterar que a fé infunde coragem e é o caminho para tocar o coração de Jesus.

O Natal não se celebra de modo mundano

Francisco recordou que “Jesus admira a fé nas pessoas”, como no caso do centurião que pede a cura para seu servo; da mulher sírio-fenícia que intercede pela filha possuída pelo demônio ou também da senhora que, somente tocando a barra da veste de Jesus, se cura das perdas de sangue que a afligiam. Mas “Jesus – acrescentou o Papa – repreende as pessoas de pouca fé”, como Pedro que duvida. “Com a fé – continuou – tudo é possível”.

Hoje pedimos esta graça: nesta segunda semana do Advento, nos preparar com fé para celebrar o Natal. É verdade que o Natal – todos o sabemos – muitas vezes se celebra não com muita fé, se celebra também mundanamente ou de modo pagão; mas o Senhor nos pede que o façamos com fé e nós, neste semana, devemos pedir esta

graça: poder celebrá-lo com fé. Não é fácil custodiar a fé, não é fácil defender a fé: não é fácil.

O ato de fé com o coração

Para o Papa, é emblemático o episódio da cura do cego no capítulo IX de João, o seu ato de fé diante de Jesus que reconhece como o Messias. Francisco então exorta a confiar a nossa fé em Deus, defendendo-a das tentações do mundo:

Hoje, e também amanhã e durante a semana, nos fará bem pegar este capítulo IX de João e ler esta história tão bonita do jovem cego desde o nascimento. E concluir do nosso coração com o ato de fé: “Creio, Senhor. Ajuda minha pouca fé. Defende a minha fé da mundanidade, das superstições, das coisas



que não são fé. Defende-a de reduzi-la a teorias, sejam elas teológicas ou morais ... não. Fé em Ti, Senhor”.

Fonte: <https://www.vaticannews.va/>

O advento e o nosso sim a vida

O Advento é o tempo litúrgico que antecede o Natal. São quatro semanas nas quais somos convidados a esperar Jesus que vem. O Advento, portanto, é um tempo de preparação e de alegre espera do Senhor.

Esta preparação nada mais é que a arrumação da nossa casa. Não uma casa construída de pedras, senão o nosso coração. É nele que o Senhor quer fazer morada: num coração simples, acolhedor, aberto e flexível. Não permitamos deixar o Menino Jesus crescer numa “casa” onde não existe amor, perdão, fraternidade, serviço, oração.

Quantas vezes queremos encontrar o Senhor somente na Eucaristia? Jesus vem até nós na pessoa dos nossos irmãos e irmãs, de um modo especial, dos mais sofredores. Estes, muitas vezes, estão em nosso meio, ao nosso lado, em nossa comunidade.

Muitas vezes não vivemos a espera constante no Senhor. Hoje, Ele quer nascer na manjedoura do nosso coração. Por isso, alegremo-nos e preparemo-nos com presentes de amor, de perdão, de fraternidade, de serviço, de oração e de bondade. Ofertemos ao Senhor, presentes que edifiquem a nós e a nossa comunidade. Abramo-nos para que de nós possa transbordar a presença de Deus.

Na Sagrada Escritura existem dois profetas que se destacam nesta

preparação para a vida do Senhor: Isaías e João Batista. O primeiro anuncia o nascimento de um filho na dinastia de Davi, com o nome significativo de Emanuel, que quer dizer «Deus Conosco». O segundo é a voz que grita no deserto. João Batista anuncia a vinda do Messias e prepara o caminho, pregando ao povo a conversão. Outra pessoa muito importante nesta preparação é a mãe de Jesus. Deus quis precisar do «sim» de Maria para nascer entre nós; hoje, precisa do «sim» da Igreja para poder nascer no mundo. E nós somos esta Igreja.

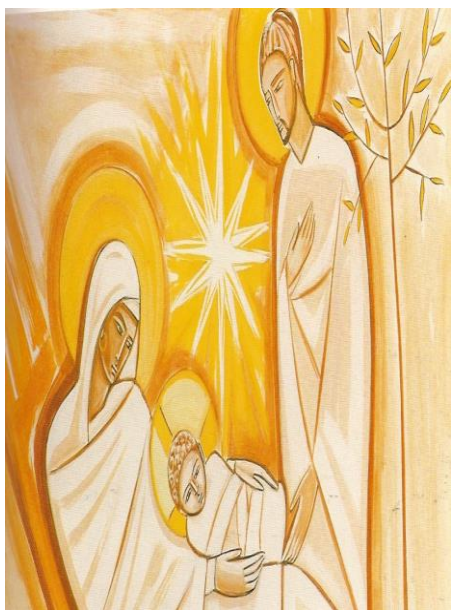


Não foi fácil para a mãe de Jesus dar um «sim» tão radical, mas ela acreditou no plano de salvação. Ela se fez serva do Senhor (Lc 1,38). É importante tê-la como exemplo do «sim» fiel ao seu próprio Filho. Ela quis ser a serva do Senhor, foi fiel do início ao fim no seguimento do Mestre. Não há melhor exemplo que o de Maria para estar nesta perspectiva do advento.

Nós, cristãos, somos convidados a viver num constante advento, antecipando, na nossa frágil e muitas vezes debilitada história, esse encontro definitivo com o Pai. Ar-

rumemos sempre nosso coração enquanto é tempo.

Tomemos a mãe de Jesus como exemplo do «sim» generoso, para Humanizar e construir um mundo onde haja respeito pelas diferenças, diálogo, responsabilidade, participação e cooperação, um mundo mais fraterno, justo e solidário. Assim, nosso advento será, não mais uma simples espera, e sim, uma espera ativa, através da qual seremos os defensores dos verdadeiros valores humanos e cristãos nesta sociedade de valores tantas vezes relativizados.



A PALAVRA DO PAPA

“Reis Magos representam as pessoas de todas as partes do mundo”

A estrela que apareceu no céu acendeu” no coração dos Reis Magos “uma luz que os moveu em busca da grande Luz de Cristo”, disse o Papa Francisco na homilia da primeira missa celebrada na Solenidade da Epifania, em 2014.

A luz da estrela, o caminho dos Reis magos e a oferta dos dons a Jesus que nos presenteia a sua vida. Estes são os temas sobre os quais o Papa Francisco se deteve nas homilias das missas celebradas na Solenidade da Epifania do Senhor, desde o início de seu pontificado.

Reis Magos, guardiões da fé

“A estrela que apareceu no céu acendeu” no coração dos Reis Magos “uma luz que os moveu em busca da grande Luz de Cristo”, disse o Papa Francisco na homilia da primeira missa celebrada na Solenidade da Epifania, em 2014.

O Pontífice recordou que é “a espreteza santa”, a dos Reis Magos, que nos guia no caminho da fé, que “não nos faz cair nas armadilhas das trevas” e nos ensina “como nos defender das trevas que buscam envolver a nossa vida”.

“Nesse tempo é muito importante guardar a fé. É preciso ir além da escuridão, além do encanto das

sereias, além da mundanidade, além de muitas modernidades que existem hoje, e caminhar rumo a Belém, onde na simplicidade de uma casa de periferia, entre uma mãe e um pai cheios de amor e fé, resplandece o Sol que nasceu do alto, o Rei do universo”, disse o Papa.

Abaixar-se a Deus

“A luz da estrela ilumina ainda hoje as pessoas que buscam a Deus”, sublinhou Francisco na homilia da missa celebrada em 6 de janeiro de 2015, lembrando que é a graça do Espírito Santo que faz com que os Reis Magos encontrem o verdadeiro Deus, que recusem o engano de Herodes, aceitando a pequenez da Criança que eles adoraram, oferecendo presentes preciosos. “O amor de Deus é grande, é poderoso e humilde, muito humilde”, disse o Pontífice.

Acolhidos na casa do Senhor

“Os Reis Magos representam as pessoas de todas as partes do mundo que são acolhidas na casa de Deus”, destacou o Papa na homilia da missa celebrada em 2016. “Diante de Jesus não há mais divisão de raça, língua e cultura: naquele Menino a humanidade encontra a sua unidade”. Portanto, eis a tarefa da Igreja: despertar o

desejo de Deus, encorajar a se colocar a caminho, esquecendo os interesses cotidianos, seguindo a voz do Espírito Santo.

“A Igreja tem a tarefa de reconhecer e fazer emergir de maneira mais clara o desejo de Deus que cada um carrega dentro de si. Este é o serviço da Igreja, com a luz que ela reflete. Como os Reis Magos, muitas pessoas, mesmo em nossos dias, vivem com o “coração inquieto” que continua a fazer perguntas sem encontrar respostas certas. É a inquietação do Espírito Santo que se move nos corações. Elas também estão procurando a estrela que indica o caminho para Belém”, frisou o Papa.

Um coração não anestesiado

Na missa da Epifania de 2017, Francisco explicou a saudade de Deus, “atitude que rompe o conformismo entediante” e “nos tira dos recintos deterministas”. Os Reis Magos são o retrato do fiel, “refletem a imagem de todos os homens que em suas vidas não deixaram anestesiarem seus corações”. Eles descobrem que “o olhar desse Rei desconhecido, mas desejado, não humilha, não escraviza e não aprisiona”.

“Descobrir que o olhar de Deus levanta, perdoa e cura. Descobrir que Deus quis nascer lá onde não esperávamos, onde talvez não o

queremos ou onde nós o negamos muitas vezes. Descobrir que no olhar de Deus tem lugar para os feridos, os cansados, os maltratados e os abandonados: que sua força e seu poder se chamam misericórdia”, sublinhou o Pontífice naquela ocasião.

A estrela do Senhor é sempre presente

Manter os olhos no alto, entender que “o sucesso, dinheiro, carreira, honrarias e prazeres” despertam fortes emoções, mas são “meteoros: brilham por um tempo, mas acabam logo”. Foi o que Papa enfatizou na homilia da missa celebrada no ano passado, destacando que “a estrela do Senhor nem sempre é deslumbrante, mas é sempre presente”, “nos pega pela mão na vida”, “garante a paz e doa, como os Reis Magos, uma grande alegria”.



Oração Vocacional Gabrielina

Ó Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, nós vos louvamos porque Vós nos chamastes para vos seguir mais de perto no meio do mundo como Consagrados Seculares no Instituto São Gabriel Arcanjo. Concedei-nos fidelidade, perseverança e santidade na caminhada. Que jamais percamos a oportunidade de fazer o bem; com São Paulo possamos dizer: eu vivo, mas não eu, é Cristo que vive em mim! E na alegria de viver tão bela vocação nós vos suplicamos: por intercessão de Maria Rainha dos Apóstolos, e do Bem-aventurado Tiago Alberione, suscitai numerosas vocações para o nosso Instituto. Homens generosos e corajosos para que, imitando ao Arcanjo São Gabriel, anunciem a vossa Encarnação para toda a humanidade.

Amém.

Gaudete et Exsultate

À LUZ DO MESTRE

As bem-aventuranças são a forma de Jesus descrever o que significa ser santo na nossa vida quotidiana. Aqui “feliz” ou “bem-aventurado” torna-se sinónimo de “santo”. Alcançamos a verdadeira felicidade pela prática fiel das bem-aventuranças. Só as podemos viver se o Espírito Santo nos permear com toda a sua força e nos libertar da nossa fraqueza, egoísmo, autossatisfação e orgulho.



O Papa Francisco descreve cada uma das bem-aventuranças e o seu convite, a concluir cada secção:

- “Ser pobre no coração: isto é santidade”.
- “Reagir com humilde mansidão: isto é santidade”.
- “Saber chorar com os outros: isto é santidade”.
- “Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade”.

- “Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade”.
- “Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade”.
- “Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade”.
- “Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade”.

No capítulo 25 do Evangelho de Mateus (vv. 31-46), Jesus detém-se na bem-aventurança da misericórdia. “Se andamos à procura da santidade que agrada a Deus, neste texto encontramos precisamente uma regra de comportamento com base na qual seremos julgados”. Quando reconhecemos Cristo nos pobres e atribulados, percebemos o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas. “O Senhor deixou-nos bem claro que a santidade não se pode compreender nem viver prescindindo destas suas exigências”.

As ideologias falaciosas podem levar-nos, por um lado, a separar estas exigências do Evangelho do nosso relacionamento pessoal com o Senhor, pelo que o cristianismo se transforma numa espécie de ONG, privando-o daquele misticismo irradiante tão evidente na vida dos santos. Por outro lado, há

quem desvalorize o compromisso social dos outros, considerando-o superficial, mundano, secularizado, materialista, comunista ou populista; a sua própria preocupação ética supera todas as outras.

A nossa defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada, porque neste caso está em jogo a dignidade da vida humana, sempre sagrada, e exige-o o amor por toda a pessoa, independentemente do seu desenvolvimento. Mas "igualmente sagrada" é a vida dos pobres, de quantos se debatem na

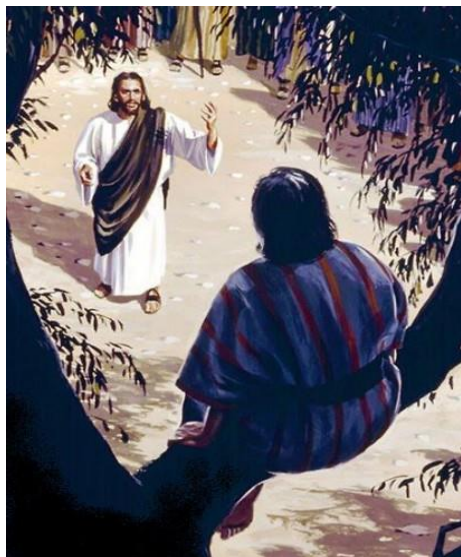
miséria, no abandono, na exclusão, na eutanásia encoberta de doentes e idosos, no tráfico de pessoas e nas novas formas de escravatura. A situação dos migrantes não deveria ser um tema secundário relativamente às questões "sérias" da bioética. Para um cristão, a "única atitude condigna é colocar-se na pele do irmão que arrisca a vida para dar um futuro aos seus filhos".

Nathanael, ISGA



Vamos descer da árvore?

Não podemos negar que vivemos num mundo em constante movimento, rápido e imediato. Portanto, um mundo imediatista, que nos pede respostas instantâneas. Dessa maneira, corremos o risco de não termos tempo para esperar, para apreciar, para perceber os detalhes da criação divina. Se pararmos para pensar, no entanto, observaremos que tudo na vida exige tempo. Da concepção até o nascimento do filho são normalmente nove meses. Leva tempo do primeiro choro até o olhar atento, desde que aprendemos a sugar até soltar o sorriso espontâneo... engatinhar, ir à escola, aprender a ler, escrever, enfim. Alguns processos são rápidos, outros são lentos e outros podem nos acompanhar até a morte.



Não vou me ater à teologia nem fazer uma profunda reflexão bíblica, mas me vem à memória a história de Zaqueu (Lc 19,1-10). Zaqueu era um chefe, superior, tinha poder, era rico. Provavelmente, fez muitos chorar, sofrer, desanimar, pensar em desistir (ou até desistir). Ao subir na figueira, de imediato, Jesus falou: “Desça depressa, Zaqueu, porque hoje preciso ficar na sua casa”. Ele desceu sem demora.

Jesus quis e desejou entrar na casa de Zaqueu. Ele também quer e deseja fazer morada no nosso coração e no das pessoas que direta ou indiretamente são por nós acompanhadas ou orientadas. Por isto, cabe aqui perguntar, como nós nos acolhemos uns aos outros, sabendo que todos somos chamados a ser a morada de Jesus? Como recebemos Jesus nos que conosco convivem na comunidade e na sociedade. Como nós acolhemos o outro em sua totalidade? Cristo acolheu Zaqueu em sua totalidade? Jesus o convidou, contudo «deu tempo ao tempo» para que Zaqueu se tornasse hospitaleiro. É importante notarmos também a simplicidade de Zaqueu. Ele reconheceu suas falhas, sua prepotência e após este encontro com Cristo, resignificou a situação. Ele, igualmente, pôs-se a trabalhar em seu processo de mudança. Se, por um lado, ele desce imediatamente da árvore, certamente levou bastante mais tempo para assimilar o

novo estilo de vida que o encontro com Cristo exigiu dele.

Jesus chama a todos, como podemos ver nos Evangelhos. E como acabamos de ver, até Zaqueu é chamado a descer tanto da árvore, quanto de sua prepotência. Jesus chama, e exige que os chamados entrem num processo de mudança e adaptação ao seu estilo de vida e à mensagem do Reino, que veio proclamar. Jesus se identifica com os pequeninos: “Quem der, ainda que seja apenas um copo de água fria a um desses pequeninos, por ser meu discípulo, eu garanto a vocês: não perderá a sua recompensa” (Mt 10,42). Se Jesus tivesse se identificado com os grandes, os grandiosos, os nobres, os elevados, os que não estão à margem da sociedade, com certeza, não precisaríamos pôr em prática os ensinamentos do Evangelho, uma vez que bastaria apenas nossa prepotência: “só eu falo, você escuta”; “faça o que eu mando”...

Se Jesus quisesse seguidores acomodados, não teria exigido mudanças de vida, mudanças de profissão, mudanças de casa, mudanças de todo tipo. Se Jesus quisesse seguidores acomodados, não teria pedido a Mateus que deixasse de ser coletor de impostos, não teria pedido a Pedro e companheiros para deixar de ser pescadores, não teria solicitado a Zaqueu que descesse da árvore. Ele quis seguidores, que não eram perfeitos, mas que tinham a capacidade de se

aperfeiçoar no caminho. Ele os acolheu com suas limitações, e com suas potencialidades. Ele certamente sabia, ou tinha a confiança de que aqueles homens seriam capazes de se superar, de crescer e assumir a missão que lhes reservava. Mas para isto, Jesus teve que ter também paciência, teve que insistir com alguns deles para que assumissem o processo de mudança e para que assimilassem sua mensagem. Se Ele percebeu as fraquezas humanas daqueles homens, por outro lado, levou em consideração que, apesar destas limitações, o Pai, que a todos quer bem, também concede a todos os dons necessários para realizar a bom termo a obra iniciada.

Concluindo, certamente, Jesus nos convida agora, já: «Desça, depressa». Desçamos depressa para sermos hospitaleiros e acolhermos o outro em sua totalidade. Desçamos depressa para ouvir, apenas ouvir a partilha do outro, se possível, chorar, sorrir e celebrar com ele.



São Paulo

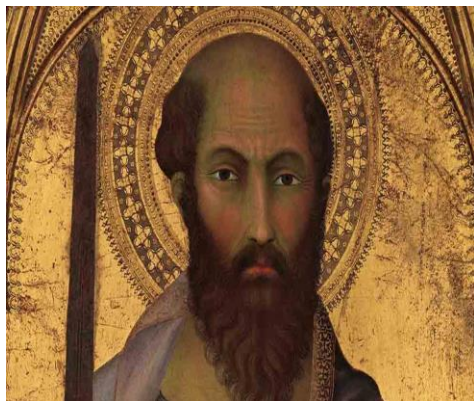
Paulo é o nome grego de Saulo, homem hebreu de religião judia, oriundo de Tarso da Cilícia, cidade situada no sudeste da atual Turquia, e que viveu no século I depois de Cristo. Paulo foi, portanto, contemporâneo de Jesus de Nazaré, embora provavelmente não tenham chegado a encontrar-se em vida.

Saulo de Tarso foi educado no farisaísmo, uma das seitas do judaísmo do século I. Como ele próprio conta na sua Epístola aos Gálatas, seu zelo pelo judaísmo levou-o a perseguir o nascente grupo dos cristãos (Gl 1,13-14), que considerava contrários à pureza da religião judaica, até o dia em que, na estrada de Damasco, o próprio Jesus mostrou-se a ele e o chamou para segui-lo, como antes havia feito com os apóstolos. Saulo respondeu a esse chamado batizando-se e dedicando a sua vida à difusão do evangelho de Jesus Cristo (At 26, 4-18).

A conversão é um dos momentos-chave da vida de São Paulo, porque é precisamente quando ele começa a entender o que é a Igreja como Corpo de Cristo: perseguir um cristão é perseguir o próprio Cristo. Na mesma passagem, Jesus apresenta-se como “Ressuscitado”, situação a que após a morte chegarão todos aqueles que seguirem os passos de Jesus, e como “Senhor”, reforçando o seu caráter

divino, uma vez que a palavra “senhor”, *kyrie*, é usada na Bíblia grega para referir-se ao próprio Deus. Podemos, pois, dizer que recebeu do próprio Jesus o evangelho que devia pregar, e logo, pela ajuda da graça e pela sua própria reflexão, soube tirar dessa primeira luz muitas das principais implicações do evangelho, tanto para uma maior compreensão do mistério divino como para mostrar as suas consequências para a situação e atuação dos homens com ou sem fé em Cristo.

Paulo é apresentado no momento da sua conversão com características de profeta e recebe juntamente com a fé uma missão bem concreta. Como diz outro livro do Novo Testamento, os Atos dos Apóstolos, o Senhor disse a Ananias, o homem que devia batizar Paulo: “Vai, porque este homem é para mim um instrumento escolhido, que levará o meu nome diante das nações, dos reis e dos filhos de Israel. Eu lhe mostrarei tudo o que



terá de padecer pelo meu nome" (At 9,15-16). O Senhor também disse o mesmo a Paulo: "Eu sou Jesus, a quem persegues. Mas levanta-te e põe-te em pé, pois eu te apareci para te fazer ministro e testemunha das coisas que viste e de outras para as quais hei de manifestar-me a ti. Escolhi-te do meio do povo e dos pagãos, aos quais agora te envio para abrir-lhes os olhos, a fim de que se convertam das trevas à luz e do poder de Satanás a Deus, para que, pela fé em mim, recebam perdão dos pecados e herança entre os que foram santificados" (At 26,15-18).

São Paulo levou a cabo a sua missão de pregar o caminho da salvação realizando viagens apostólicas, fundando e fortalecendo comunidades cristãs nas diversas províncias do Império Romano por que passava: Galácia, Ásia, Macedônia, Acaia, etc. Os escritos do novo testamento revelam-nos um Paulo escritor e pregador. Quando chegava a um lugar, Paulo ia à sinagoga, lugar de reunião dos judeus, para pregar o evangelho. Depois, dirigia-se aos pagãos, isto é, aos não judeus.

Depois de deixar alguns lugares, quer por ter deixado a pregação inconclusa, quer para responder as perguntas que as comunidades lhe faziam, Paulo começou a escrever cartas, que desde o início foram recebidas nas igrejas com a maior reverência. Escreveu para comunidades inteiras e para pes-

soas em particular. O Novo Testamento transmitiu-nos 14 que tem a sua origem na pregação de Paulo: uma Carta aos Romanos, duas Cartas aos Coríntios, uma Carta aos Efésios, uma Carta aos Filipenses, uma Carta aos Colossenses, duas cartas aos Tessalonicenses, duas Cartas a Timóteo, uma Carta a Tito, uma Carta a Filêmon e uma Carta aos Hebreus. Embora não sejam fácil de datar, podemos dizer que a maioria delas foi escrita na década que vai do ano 50 e 60.

O centro da mensagem pregada por Paulo é a figura de Cristo na perspectiva de que a salvação dos homens foi cara. A redenção efetuada por Cristo, cuja ação mantém relação estreita com a ação do Pai e a do Espírito Santo, marca um ponto de inflexão na situação do homem e na sua relação com Deus. Antes da redenção, o homem caminhava no pecado, cada vez mais distante de Deus, mas agora está no Senhor, no Kyrios, que ressuscitou e venceu a morte e o pecado, e que constitui uma só verdade com os que crêem e recebem o batismo. Nesse sentido, podemos dizer que a chave para compreender a teologia paulina é o conceito de conversão (metánoia), como passo da ignorância à fé, da Lei de Moisés à Lei de Cristo, do pecado à graça.

São Paulo Apóstolo, rogai por nós!!